

CELEBRAÇÃO



Marcelo Jeneci: momento de composição

DA NOVA



Ana Cañas faz show em homenagem a Belchior no festival Mova, em Brasília

MÚSICA BRASILEIRA



Maria Gadú: chance de comunhão

Festival Mova reúne Marcelo Jeneci, Maria Gadú, Hamilton de Holanda, Formiga Dub e Amaro Freitas em palco montado atrás da Arena BRB Nilson Nelson

» NAHIMA MACIEL
» PEDRO ALMEIDA*

Com metade do line up formado por nomes nacionais e a outra metade consagrada aos locais, o Festival MOVA tem início neste sábado com a proposta de reunir artistas que representam a diversidade da música brasileira contemporânea. Amanhã e no domingo, o público tem encontro marcado com 17 atrações no palco montado no Bosque atrás da Arena BRB Nilson Nelson.

Ana Cañas e Marcelo Jeneci estão no line up de amanhã, que tem também Gaivotas Naves, Muntchako e Duo Tifi, para citar alguns do Distrito Federal, além dos paraibanos do Formiga DUB e dos potiguares da Camarones Orquestra Guitarrística. No domingo, Maria Gadú, Hamilton de Holanda e Mestrinho tomam o palco. A festa também contará com o bloco Divinas Tetas, Saci Wêrê e Capivara Brass Band e com o jazz do pernambucano Amaro Freitas.

Entre as propostas do MOVA

está a de olhar com mais cuidado para temas socioambientais. O Movimento Bem Viver, que atua no ativismo pelas questões indígenas e preservação da agricultura familiar, participa do festival com rodas de conversas e ações de venda de artesanato e alimento agroecológicos.

Uma paixão chamada Belchior

A primeira vez que Ana Cañas ouviu Belchior foi na adolescência, pela voz de Elis Regina. Como todo o público que gostavam de música brasileira, ficou impactada pela letra de *Como nossos pais*. Mas ainda foram necessários alguns anos para que a música de Antônio Carlos Belchior provocasse um encantamento quase metafísico na cantora paulistana. Durante a pandemia, em 2020, Ana fez uma live para ajudar amigos músicos e cantou o repertório do compositor cearense. Ficou surpresa com a repercussão e gravou o disco *Ana Cañas canta Belchior*, lançado em 2021. Agora, é hora de levar o autor de *Sujeito de sorte*, o hit da pandemia, para o palco.

É cantando Belchior que Ana se apresenta no MOVA neste sábado. “A poesia do Belchior me surpreende em todos os shows”, conta a artista, que confessa chorar até na passagem de som. “Tem canção que já cantei diversas vezes, mas ainda tem alguma frase, algum sentido que não captei. E estar de frente para públicos diversos coloca a poesia de Belchior em estado de latência”, explica. Ela fica especialmente surpresa com a atração dos jovens pela música do compositor.

Segundo Ana, o espectro dos interessados vai dos adolescentes aos mais velhos, de 60 ou 70 anos. “Belchior permite essa amplitude. Isso tá muito de acordo com o mapa astrológico dele, tem seis planetas

em escorpião, e escorpião é a fênix do zodíaco. Tenho a sensação de que ele viveu várias vidas na mesma vida. São diversos recortes, e a obra dele reflete isso”, acredita, ao se revelar “assombrada” pela poesia do compositor. “É um manancial de ideias, recortes, entendimentos bastante profundos e isso para mim é uma das coisas que mais encanta.”

Quando gravou o disco, Ana concentrou voz e instrumentos em arranjos minimalistas e intimistas. A guitarra de Fabá Gimenez tem participação especial nas faixas. Era um momento mais introspectivo, de medo diante das perdas geradas pela pandemia, de recolhimento e sustos constantes frente à incapacidade governamental de controlar o avanço das mortes.

Agora, com o reencontro entre público e artistas, Ana acredita que é hora de dar nova roupagem às suas interpretações de Belchior. “O show que chega a Brasília é com a banda, a gente vai dar continuidade ao projeto, é a fase 2 do rolê”, avisa. “Antes estava num canto muito recolhido, muito vulnerável. Agora estamos num momento em que temos um embate pela frente este ano, essa fase vem mais aguerrida, a gente tem uma luta, um combate duro. E o projeto vai refletindo a moldura política, histórica e social.”

Releituras de Maria Gadú

A cantora paulistana Maria Gadú traz para o MOVA, nas próprias palavras, “um show de quase-estrela de um novo velho disco”. O álbum em questão, *Quem sabe isso quer dizer amor*, chegou às plataformas digitais no final de 2021, mas foi produzido pela cantora em 2019. Em função da pandemia, tanto o lançamento, quanto o planejamento de shows foram adiados. A

apresentação no festival brasileiro será a segunda data da turnê, o que justifica os ares de estreia.

Sobre o retorno aos palcos, a artista revela a conjunção de ansiedade e entusiasmo: “Eu já tinha dado um tempo antes da pandemia. Então, estou um pouco ansiosa para entender o que vou sentir. Mas é aquela velha história da bicicleta. Estou também muito feliz de voltar”. A participação em um festival é um atrativo a mais para Gadú: “Os públicos se misturam ali. Existe a oportunidade de ouvir coisas novas. Fica uma energia de comunhão bacana. Sai daquela coisa só focada em um artista, tem uma energia mais democrática”. Ela completa sobre a troca entre os artistas: “É um palco que está ali sendo trocado, né? Você tem a energia que foi deixada ali, como uma passada de bastão. Então, ele vem com uma carga e você tem que deixar ele harmonicamente organizado energeticamente para o próximo”.

Quem sabe isso quer dizer amor é um álbum composto por releituras de canções que permearam o repertório da artista no início da carreira na música, quando se apresentava em bares como intérprete. Entre os artistas homenageados ao longo das 12 faixas, Milton Nascimento e Marisa Monte são citados por Gadú como alicerces da carreira. Não ao acaso, a canção de Nascimento dá nome ao projeto.

Arte com debate

Guaianases, bairro da Zona Leste de São Paulo onde Marcelo Jeneci cresceu, tornou-se objeto de homenagem no álbum *Guaia*, forma carinhosa de chamar o local. Lançada em 2019, a obra, que une MPB e elementos nordestinos, será o carro-chefe da apresentação do cantor no festival

MOVA. Os grandes hits de discos anteriores, contudo, terão espaço no repertório. Com a última passagem pela capital em 2019, Jeneci revela o interesse na cidade: “Gosto de descobrir o submundo de Brasília, os locais escondidos. Gosto de fugir do óbvio”.

O festival MOVA ocorre no fim de semana de encerramento da Semana Mundial do Meio Ambiente. Sobre o compromisso da arte em se tornar plataforma para o debates sociopolíticos, Jeneci é firme: “Não tenho interesse em arte que não tenha esse viés. O entretenimento puro não me interessa”. O artista, então, comenta sobre a questão ambiental: “Acredito que é um problema que tem de ser resolvido de forma interna. Precisamos olhar para dentro de nós mesmos e resolvermos nossas questões”. O cantor divaga sobre nossa relação com o planeta ao reparar que o Homo Sapiens é uma espécie relativamente nova. “Diferente de diversas outras que estão aqui há milhares de anos. Tal qual uma criança, temos o impulso de destruir o brinquedo que nos foi dado”, reflete.

Por fim, Marcelo Jeneci afirma que novas músicas estão a caminho. “Estou em um momento de composição. Estou me conectando com as minhas origens, com a sanfona”, garante. O instrumento tornou-se uma forte característica do artista e pode ser escutado em diversas faixas de sua produção.

*Estagiário sob a supervisão de Nahima Maciel

O PRAZER É TODO NOSSO

UMA COMÉDIA SOBRE SEXO E LIBERDADE

COM JULIANA MARTINS

DIREÇÃO BEL KUTNER

TEXTO BETO BROWN

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO JORGE ELALI

TEATRO ROYAL TULIP 04 DE JUNHO - SÁB 21H

ANTECIPADOS: WWW.BILHETERIADIGITAL.COM/DECAPRODUcoes

Apoio Cultural:

NOVITTA Rent a Car

Apoio Gastronômico:

Santé 13 & Logo

Promoção:

CLUBE 50% de desconto

FESTIVAL MOVA

Sábado (4/6) e domingo (5/6), às 16h, no Bosque atrás da Arena BRB Nilson Nelson. Ingressos: 3º lote - passaporte (2 dias): R\$ 140 (meia entrada universal com doação de 1kg de alimento), ingresso por dia: R\$ 90. Vendas: <https://www.sympla.com.br/evento/festival-mova-2022/1544134>